

Estratégias da luta epistemológica de P. Kropotkin

Breno Viotto Pedrosa

da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre - Brasil
brenoviotto@hotmail.com

Resumo: Objetiva-se, nesse artigo, compreender o contexto cultural, a trajetória e as estratégias que resultam no estabelecimento de P. Kropotkin como renomado cientista e militante anarquista. Para isto, analisa-se suas cartas e sua estratégia editorial. Adotando a perspectiva de P. Bourdieu, busca-se comprovar que suas origens sociais, sua militância e seu trabalho intelectual constituem uma sinergia, que, aliada às suas redes colaborativas, permitiram que Kropotkin atingisse renome, dentro e fora do campo da Geografia, em escala internacional.

Palavras-chave: Geografia libertária; Anarquismo; P. Kropotkin; Circulação do conhecimento.

Introdução

A partir de P. Bourdieu (2001, 2003), nosso objetivo é compreender as razões de P. Kropotkin ter sido célebre nos campos científico e político, no início do século XX, em escala mundial. A aposta no internacionalismo faz com que suas obras sejam editadas e que sua carreira suscite interesse em vários países para além do movimento anarquista. Nossa hipótese é a de que seus capitais político e cultural se retroalimentam, assim ele obtém prestígio no campo político em um momento de disputa entre anarquistas, socialistas, social-democratas, etc., ao mesmo tempo que se destaca nos campos da Geografia e de outras ciências. Como demonstram as pesquisas de Ferretti (2007, 2019) sobre o grupo de geógrafos anarquistas de que Kropotkin fazia parte, é impossível separar o científico e o político, sendo que seus integrantes possuem visões de mundo semelhantes, do ponto de vista científico, bem como estratégias parecidas de construção do anarquismo.

Partiremos da formação de Kropotkin, indicando a influência do contexto histórico russo. Assim como L. Tolstói e outras figuras de sua época, P. Kropotkin é um exemplo daquilo que Bourdieu chama de *histerese*, ou seja, alguém que abandona ou não

se comporta de acordo com o *habitus* de sua classe social (GRENFELL, 2018). É na juventude que o autor constitui um capital cultural, que permite o seu reconhecimento como especialista na Geomorfologia da Sibéria e da Ásia Central. Feito o esboço de sua ascensão como geógrafo e a sua transladação para o anarquismo, exploramos as estratégias de seu internacionalismo, fortemente enraizado nas tradições dos movimentos operários e populista russo, e, ao mesmo tempo, inspirado e se valendo da difusão do conhecimento científico. Explorando as cartas enviadas por Kropotkin e suas publicações em revistas científicas e em jornais anarquistas, que posteriormente compõem a base de seus livros, procuramos identificar suas estratégias de editoração multilíngue.

Kropotkin e a Rússia

Frequentemente, P. Kropotkin está ligado à alcunha de Príncipe Anarquista, mesmo que, desde a juventude, ele tenha fugido de seu título nobiliário. A ideia de príncipe anarquista denotaria uma ironia ou contradição — ou aquilo que P. Bourdieu chamou de violência simbólica (GRENFELL, 2018) —, na medida que impõe uma classificação com pré-julgamento, obscurecendo a visão sobre um fato. Sem dúvidas, Kropotkin, como muitos russos nobres de sua geração, é um típico caso de *histerese*, ou seja, o autor, o terceiro de quatro irmãos de uma família da alta aristocracia russa, teve uma biografia que destoou do esperado para a sua classe. Escolhido pelo Czar para ingressar na escola preparatória do corpo de pajens e herdeiro de extensas propriedades de terras e de significativa quantidade de servos, Kropotkin escolheu se engajar na militância política contra o czarismo e contra a propriedade privada e lutar por uma sociedade mais justa (KROPOTKIN, 2012).

Contudo, é inegável que sua posição social na alta nobreza marca a sua biografia, mesmo que ele tente dela se afastar. Afinal, em uma sociedade autoritária e governada por um déspota, é no mínimo chocante que alguém próximo do convívio do Czar tenha se convertido ao movimento populista russo e, após prisão, fuga e exílio, adira ao anarquismo, tendo, por conseguinte, elaborado uma proposta política designada anarco-comunismo.

Primeiro, é preciso compreender como Kropotkin se tornou um geógrafo e um explorador renomado. Antes de seu ingresso no corpo de pajens, Kropotkin teve acesso a uma educação privada de excelência, com tutores estrangeiros e russos. Smirnov é um dos professores incumbidos da educação dos irmãos Kropotkin e que os introduz à

literatura russa e ao debate político que ela suscitava, bem como à cultura do jornal, dentro de um contexto social, em que publicações e panfletos têm importante papel na difusão de ideias, por vezes, críticas ao regime (MILLER, 1976, p. 10-18). A literatura, que, no despotismo czarista, fazia um debate público sob estrita vigilância, aliado à observação da realidade camponesa, é claramente o fermento para a revolta do jovem Kropotkin. Contudo, não devemos ignorar suas origens sociais, que, desde a tenra infância, dotam Kropotkin de grandes capitais social, simbólico e cultural; ademais, como ressaltou Bourdieu (2006, p. 70-72), tais origens podem ter até mais peso na formação do capital cultural do que a educação formal, pois o capital estatutário de origem designa a cultura acumulada por gerações, que é passada, às crianças, na forma, por exemplo, de normas de etiqueta, de senso moral, de convívio com as artes, bem como na escolha de gostos. Mesmo que saibamos da relação turbulenta de Kropotkin com seu pai e com sua madrasta — sua mãe falece, quando ele é criança —, o peso de sua herança cultural nobre é evidente.

Chacón (2021) demonstra o gosto pelo piano e pela música erudita, que Kropotkin cultivava por toda a vida, ilustrado na narrativa de que, na ocasião de sua prisão, ele cantarolava suas peças musicais favoritas para subverter a ordem de total silêncio (KROPOTKIN, 2012). O mesmo autor indica como Kropotkin tinha, no desenho à mão e no piano, entretenimentos, descrevendo sua rede de correspondentes sobre música. Esse pesquisador destaca que o populismo russo afeta também a música, pois, de um lado, músicos que se inspiravam no ocidente se radicalizam com o conteúdo político das óperas; de outro, os intelectuais observavam as canções populares, em busca de inspiração artística. No contexto russo, a arte é política e é um caminho para se buscar a estética de uma nova sociedade.

Na escola do corpo de pajens, Kropotkin recebe sólidas formações militar e acadêmica, aprofundando seu contato com as obras de A. von Humboldt e de C. Ritter (KROPOTKIN, 2012). Ainda no período escolar, fora das disciplinas regulares, ele tem primeiros contatos com literaturas sobre economia política e sobre reforma social, por influência de seu cunhado, que possuía uma extensa biblioteca. À época, ele começa a ler os jornais de A. I. Herzen, importante intelectual e promotor de uma literatura politicamente engajada. Segundo Miller (1976, p. 48), a descoberta da região siberiana do rio Amur aparece justamente em uma carta de seu irmão Alexander, de 1858, pois a Sibéria o interessava, por ter sido recentemente anexada, por estar em rápido crescimento e por ser um mundo novo, com possibilidades de comunicação com o Oriente.

Em 1862, ao se formar na escola de pajens, Kropotkin escolhe servir no corpo de cossacos, na Sibéria, declinando da possibilidade de continuar sua carreira militar em destacamentos mais prestigiados ou abandonar a vida de caserna para ingressar na universidade. Certamente, essa foi uma escolha que chocou seus superiores e seus familiares — incluindo o irmão —, ou seja, não era o comportamento esperado e denotava frustração com o regime do czar, com a corte e com a sociedade de São Petersburgo. O Czar Alexandre II foi responsável pela libertação dos servos, em 1861, reforma que desapontou o jovem Kropotkin, influenciado pelo populismo russo (MILLER, 1976), pois o processo foi lento, os proprietários foram compensados e, na prática, continuava uma relação de dominação social.

Kropotkin, imbuído de ideias populistas, demonstrava o desejo de ser útil e, pouco antes de ir para a Sibéria, coletou artigos sobre os novos territórios anexados e sobre os seus processos de crescimentos demográfico e econômico (MILLER, 1976, p. 48-60). Ele parte, registrando que a única coisa de que sente falta de São Petersburgo é do teatro Bolshoi (DUGATKIN, 2011, p. 10). Na Sibéria, o exército tinha os papéis de integrar e de desenvolver os territórios em processo de adensamento, nas áreas consolidadas. Kropotkin foi para Irkutsk, sob o comando de Kukel, e, paralelamente, era correspondente jornalístico, para aumentar seus rendimentos.

Nos diários e nas cartas de Kropotkin, segundo Miller (1976), é possível ver sua ingenuidade, quanto à Sibéria, bem como entender a situação política da área afastada da capital russa, ao lado de Kukel, sendo influenciado por suas ideias liberais e democráticas. Contudo, no tempo de serviço, Kropotkin percebe os desmandos e as injustiças perpetradas pelo Estado e logo se desencanta com a região, na qual se aventava a ideia da criação de uma federação regional autônoma, proposta que não vingou. Kukel, seu superior e amigo, acaba sendo implicado por conspiração e é afastado do cargo, por ter visões progressistas e pela desconfiança de que ele tivesse colaborado com a fuga do anarquista M. Bakunin. Mesmo distante da Sibéria, Kukel é responsável por envolver Kropotkin nas expedições geográficas, que eram financiadas pela Sociedade Geográfica Imperial (MILLER, 1976). Kropotkin viaja para áreas da bacia do rio Amur, então pouco conhecidas, e para extensões mais ocupadas, o que sela seu descontentamento com a fronteira, uma vez que ele fica chocado, ao observar as condições das prisões e de trabalho dos mineradores de ouro da região do Lena. Assim, destrói-se a visão ingênua de Kropotkin sobre a colonização, bem como o autor percebe que sua ação no exército está longe de ser útil à sociedade russa. Além de já conhecer as prisões siberianas e a sua

precariedade, ele teve a oportunidade de averiguar, no trabalho forçado das minas, condições mais brutais do que as do capitalismo ou da servidão russa.

De volta a Petersburgo, ele vai para a universidade, cursar Matemática e Física, mas seu pai se recusa a sustentá-lo. Para ganhar a vida, Kropotkin traduz H. Spencer, o que parece ser o início de um longo diálogo com a obra do pensador (MILLER, 1976). Nos próximos anos, seu trabalho se dedica à Geografia e ele é indicado secretário do Departamento de Matemática e Ciências Físicas, da Sociedade Geográfica Imperial, e recebe uma medalha, pelo estudo sobre as minas de ouro em Olekmin-Vitim e pela viagem à Sibéria oriental, em 1868. Seu trabalho circula entre geógrafos da Europa e da Rússia, enquanto dá conferências e constrói uma rede social, com acadêmicos e com exploradores (MILLER, 1976). Kropotkin é nomeado para conduzir uma expedição ao Círculo Ártico, que, sem verba governamental, não ocorre, contudo ele escreve um relatório de gabinete que repercute positivamente. Em 1871, ele realiza uma expedição científica na Finlândia, mesma época em que recebe um convite para ser secretário da Sociedade Geográfica Imperial. Kropotkin recusa tal colocação, em nome da luta social, ainda que fosse um jovem pesquisador eminente, que havia conseguido, com base em trabalhos de campo, refutar as teorias de Humboldt sobre o relevo asiático, ao questionar a orientação das cadeias de montanhas da Sibéria, além de descobrir traços de ações de glaciares na Sibéria e, posteriormente, identificar feições similares na Suécia e na Finlândia, induzindo a ocorrência de uma grande glaciação no hemisfério norte, durante o Pleistoceno (DUGATKIN, 2011, p. 16; MARKIM; IVANOVA, 2008, p. 127). Também neste episódio, Kropotkin não se comporta de acordo com a expectativa social para alguém de sua classe e recusa um posto importante em uma sociedade científica, para se dedicar à luta política.

No nosso entendimento, a adesão de Kropotkin ao populismo russo é compreensível, face ao czarismo e ao funcionamento do Estado, que o príncipe conhecia minuciosamente. Acreditamos que sua origem social tem um peso neste processo:

As nobrezas são *essencialistas*: ao julgarem a existência como uma emanção da essência, deixam de considerar por eles mesmo os atos, fatos ou má ações repertoriados nos atestados de serviço e nas folhas corridas de memória burocrática: elas atribuem-lhe valor apenas na medida em que manifestem claramente, nos matizes da maneira de ser, que seu único princípio é a perpetuação e ilustração da essência em *virtude da qual* eles são realizados. Esse mesmo essencialismo leva-as a impor a si mesmas o que lhe impõe sua essência – ‘noblesse oblige’ (quem é nobre deve proceder como tal) -, a exigir de si mesmas o que ninguém poderia exigir delas, a provar a si mesmas que estão à altura de si mesmas, ou seja, de sua essência. (BOURDIEU, 2008, p. 28)

Bourdieu destaca como a personalidade e a crença nos valores próprios — por vezes, transmitidos geracionalmente — têm um peso na posição social da nobreza. Notemos que a geração de Kropotkin — e, mesmo, a anterior, que produziu um M. Bakunin — cria uma série de figuras nobres e da alta burguesia, que se rebelam contra o poder instituído; uma parte da aristocracia, “[...] cujo ser [é] definido pela fidelidade a um sangue, solo, raça, passado, pátria, tradição [...]” (BOURDIEU, 2008, p. 27, inserção nossa), rebela-se contra a casta governante decadente de um regime retrógrado, que reproduz enormes desigualdades sociais, por meio de mecanismos de dominação social feudal e semicapitalista. Sendo assim, essa nobreza não tem nada a perder, face a tal situação, e isto talvez redunde na postura de Kropotkin, que, desde a juventude, tenta ser útil ao povo e, posteriormente, tenta contribuir para a revolução social. A postura essencialista da nobreza pode ser um fator de explicação das posições políticas idiossincráticas de Herzen, de Bakunin, de Tolstói, de Kropotkin, nobres que desenvolvem ideias políticas importantes e com apelo moral, usadas para criticar e para demonstrar contradições sociais. Isso também pode ser um fator explicativo da autonomia destes pensadores, ou seja, da defesa de seus pontos de vista, independentemente da opinião de outros grupos ou agentes políticos.

Ademais, existe uma luta para provar que suas ideias políticas e morais são superiores às do capitalismo e às do funcionamento do Estado, eivadas de injustiças; são ideias morais que forjam visões de mundo e de comportamento individual destes pensadores — penso na adesão de Tolstói ao vegetarianismo e nas recusas deste e de Kropotkin em lucrar com suas obras, pois o dinheiro oriundo delas deveria financiar causas políticas maiores (BARTLETT, 2013; FERRETTI, 2019). O fato de Kropotkin (2012) iniciar suas memórias, destacando sua ascendência das primeiras dinastias reais russas, pode ser lida como uma clara provocação, tanto a um suposto direito ao trono quanto ao direito moral de orientar a governança do povo. Fato é que, tanto Tolstói quanto Kropotkin foram *heresiarcas*: o primeiro fundou uma interpretação do cristianismo que gerou sua excomunhão; e o segundo teve peso na organização do anarquismo, na virada do século XIX.

Assim, tal posição social explica, em parte, a despreocupação de Kropotkin com os títulos acadêmicos, durante a juventude, fato destacado por Miller (1976), que indica que a universidade talvez não fosse capaz de atender aos anseios do autor pela mudança social ou por ser útil. Mesmo sem um diploma, Kropotkin possui os capitais social e cultural para se impor no mundo acadêmico, uma vez que ele era nobre, teve uma boa educação geral, possuía vasta experiência de campo e pôde acompanhar a prática

acadêmica e o seu fazer, a partir da participação em sociedades científicas, ademais o geógrafo ganhou prêmios e teve uma obra reconhecida, pelas comunidades russa e internacional, ainda antes do exílio.

Frequentemente, acredita-se que as obras de Kropotkin e de Reclus não tiveram grande impacto ou relevância, pois ambos desenvolveram suas pesquisas fora da universidade. No entanto, cabe lembrar que, ao fim do século XIX, a Geografia, bem como outras ciências modernas, estava em processo de institucionalização. Assim, as sociedades geográficas eram importantes centros de produção e de divulgação científicas e, inclusive, foram fundamentais para o próprio processo de inclusão da Geografia nas universidades (CAPEL, 1981; PÉAUD, 2016). No caso russo, a sociedade geográfica era financiada pela coroa e contava com ostensiva participação de militares — lembremos que Kukel havia indicado Kropotkin para as expedições siberianas —, ou seja, estava sob influência do Estado, mesmo que demonstrasse certo grau de independência dele. Isso se coaduna às reflexões de Bourdieu (2003) sobre a autonomia e sobre a heteronomia dos campos científicos. Além do interesse científico, a Rússia do final do XIX era um império terrestre em expansão, com a anexação de territórios na Ásia central, no Cáucaso e na Sibéria oriental.

Em 1872, Kropotkin viaja para a Suíça e se converte ao anarquismo, por contato com os bakunistas da Federação do Jura. Ele acaba por não conhecer Bakunin pessoalmente, sendo que existia uma disputa entre os adeptos de Bakunin e os de Marx, mas, no âmbito da comunidade dos exilados russos, Bakunin contrastava com figuras políticas que gravitavam ao redor de P. Lavrov, um progressista que aspirava à transformação social, por meio do conhecimento e do ensino. Alexander Kropotkin foi admirador de Lavrov e a irmã da esposa deste dá a P. Kropotkin os contatos dos marxistas russos de Genebra, que logo o frustram (MILLER, 1976, p. 70-77). O mesmo não ocorre, porém, quando ele conhece a Federação do Jura e J. Guillaume.

P. Kropotkin volta da Suíça anarquista, influenciado pelos bakunistas, e se insere no círculo Tchaikovsky, movimento marcado pelo populismo russo, cujo objetivo era ir ao povo e educá-lo. Assim, Kropotkin “[...] começa a acreditar que a maior parte das pessoas que estavam fazendo ciência na Rússia naquele tempo era composta de ‘filisteus’ autocratas, que estavam mais preocupados com a preservação do governo que com o avanço do conhecimento” (DUGATKIN, 2011, p. 21). Ressalta-se que o próprio Tchaikovsky era formado em Química e que seu círculo contava com intelectuais treinados e com inserção acadêmica. Seu mote, como mencionado, era o de levar

conhecimento ao povo, além de uma perspectiva que pudesse mudar as vidas da população e romper com a irracionalidade e com a religiosidade do despotismo czarista.

Novamente, o lugar social do autor em tela tem um peso, uma vez que, na Suíça, os trabalhadores desconfiavam do fato de ele ser um príncipe, ocorrendo o mesmo em sua admissão ao círculo Tchaikovsky, embora um dos membros destaque o fato de ele ser um geógrafo renomado, além de alguém que conhece a Internacional Comunista, motivos considerados positivos para a sua admissão (MILLER, 1976, p. 91). Kropotkin transitava entre dois mundos: de um lado, era um membro respeitável da nobreza e um ilustre geógrafo; de outro, era um agitador político, que assumia o disfarce de um camponês chamado Borodin para palestrar e para conversar com o povo — Chacón (2021) destaca que Borodin era o nome de um compositor apreciado pelo príncipe. Sua polidez e erudição, contudo, continuavam a ser marcas de sua origem social, e os trabalhadores iletrados se espantavam, ao conhecer o príncipe.

O círculo Tchaikovsky era bastante influenciado pelo positivismo, sendo Kropotkin um dos raros militantes ligado a Bakunin e ao anarquismo. No ano de 1872, existem registros de que ele tenha lido *O Capital*, de Karl Marx, porém o círculo não tinha uma tendência política clara para além do trabalho de propaganda, sendo que Lavrov influenciava alguns membros. As ideias eram de que os trabalhadores criassem novos círculos revolucionários e de que os camponeses espalhassem as ideias nas aldeias; era uma propaganda contra o czarismo, mas, também, um estímulo a que os trabalhadores organizassem suas próprias associações. O trabalho foi em vão, pois o povo gostava das palestras e lia os materiais, mas não se engajava na agitação (MILLER, 1976, p. 100).

Em 1874, Kropotkin e vários membros do círculo são presos, e a polícia apreende o texto *Nós devemos nos ocupar num exame de um sistema futuro ideal?*, que será publicado, postumamente (KROPOTKIN, 1970). De fato, esse não é um texto acabado e se pretende uma resposta às posições do populismo russo, esboçando vários pontos de seu programa político, que persistem em outros momentos de sua trajetória. O texto deixa patente a crítica ao Estado concentrador de poder e às divisões de trabalho manual e intelectual, que posteriormente Kropotkin amplia para as divisões regional e internacional de trabalho.

Sua proposta política está claramente ligada à ciência e ao materialismo intransigente desta, inspirado pelo positivismo, pelo darwinismo e pelo entendimento das leis naturais nas compreensões da ética e do processo de evolução humana (CAHM, 1989, p. 2). Como destacou Miller (1976), não seria exagero dizer que os irmãos

Kropotkin foram niilistas *avant la lettre*, por suas visões de mundo materialistas e questionadoras dos costumes sociais estabelecidos.

É a partir deste ponto de vista que Kropotkin será um polímata, o qual usa de sua formação inicial para absorver conhecimentos de vários campos, como Geografia, Biologia, História, Economia, Literatura, para citar apenas alguns. Entretanto, é curioso notar que seu renome no campo da Geografia se amplia e perdura, ou seja, de certa maneira, o autor nunca deixou de ocupar o posto de especialista em “orografia” da Sibéria, mesmo com o amplo espectro de sua obra — lembremos de que as sociedades geográficas congregavam interessados em Geografia, mas estes comumente advinham de outros campos de conhecimento e transitavam por outras ciências (CAPEL, 1981).

O Kropotkin libertário e crítico à divisão intelectual do trabalho se mantém fiel ao seu projeto totalizante, inclusive do ponto de vista do método, que, baseado nas ciências naturais, poderia analisar a sociedade — característica compartilhada por outros geógrafos anarquistas, que gravitavam ao redor de Reclus. Nesse contexto, as influências de von Humboldt, como cosmógrafo, e de Ritter, que defendia uma Geografia com forte ligação com a História, reforçam sua perspectiva, sendo que Kropotkin, à luz do espírito da época, também optou pela absorção do pensamento darwiniano para a renovação do pensamento científico, mas o fez de maneira especial, escolhendo a cooperação e, não, a competição, como mote principal da evolução (FERRETTI, 2007). Essa interpretação é fruto da recepção *sui generis* que Darwin recebeu na Rússia, em que muitos intelectuais eram críticos à teoria de T. Malthus, que Darwin reforça, em parte (VUCINICH, 1988). Certamente, em tese autônomas, as sociedades científicas, formadas livremente por sábios e por conhecedores — mesmo que, frequentemente, recebessem algum financiamento do Estado —, eram mais interessantes do que a Universidade, instituição comumente fundada e controlada estritamente pelo Estado.

Em 1873, Kropotkin (DUGATKIN, 2011, p. 23-25), mesmo diante da notícia da prisão dos companheiros, não deixa de lado sua honra e seu senso de responsabilidade e, ao invés de se evadir, profere palestra na Sociedade de Geografia. Levado à prisão, mais uma vez se faz sentir o peso da coroa do príncipe: o fato causa perplexidade na sociedade e, após algum tempo isolado, o irmão do Czar Alexandre II o visita, na tentativa vã de extrair demonstração de arrependimento. No cárcere, Kropotkin conta com seu próprio irmão mobiliza a Academia de Ciências e a Sociedade Geográfica, para que Piotr possa escrever e ter acesso a livros e revistas científicas, o que lhe permite concluir seu relatório científico sobre a Finlândia (MILLER, 1976, p. 116). Alexander seria logo preso e permaneceria muitos anos exilado na Sibéria, porém Piotr, com ajuda de membros ainda

em liberdade do círculo Tchaikovsky, consegue escapar da prisão, dando início a um seu exílio que duraria 42 anos.

Da Rússia para o mundo

Em 1876, com a saúde degradada pela prisão, Kropotkin emigra da Rússia para a Inglaterra, onde permanece por um curto período, até seguir para a Suíça. Esse foi um momento de intenso amadurecimento político, junto à Federação do Jura. Nessa temporada, sua posição de agitador, ansioso pela revolução, evolui para a necessidade de educar o povo, quanto ao anarquismo (CAHM, 1989, p. 45), e existe uma ampliação de sua rede de colaboradores, em função das atividades no Jura e da participação em congressos de trabalhadores. Outro elemento importante é que a cultura dos jornais russos se intensifica, em contato com os panfletos baratos produzidos pelos e para os trabalhadores. Antes do exílio, o próprio círculo Tchaikovsky possuía uma editora independente na Suíça (MILLER, 1976, p. 95).

Inicia-se aí a longa participação de Kropotkin como editor de jornais populares, possibilitada, como ressaltou Ferretti (2019), pelo avanço técnico da impressão. Nesse interlúdio, Kropotkin conhece os irmãos Élie e Élisée Reclus. Os grupos políticos e as redes de militantes, de colaboradores e de simpatizantes vão girar ao redor destes jornais curtos e baratos, que atingiram grande circulação. Paralelamente, a cultura impressa dos jornais revela a opção pelo internacionalismo, pois o final destas publicações geralmente traz notícias sobre movimentos operários de vários países do mundo — o que demandava correspondentes — e, como tentaremos demonstrar, Kropotkin publica os mesmos textos, ou versões semelhantes deles, em diferentes idiomas, notadamente no jornal *Freedom*, sediado em Londres, e no *Les Temps Nouveaux*, em Paris.

Frequentemente, Kropotkin é apresentado como um geógrafo anarquista, contudo é preciso ponderar que este período de amadurecimento político fez com que, apesar das divergências com outros membros de seu grupo, das frustrações com a Federação do Jura e com o movimento dos trabalhadores, ele apresente uma proposta política coerente, designada anarco-comunismo. Essa proposta faz com que Kropotkin busque, na tradição política (LAUGHLIN, 2016), elementos que a validem, os quais remontam à presença de ideias assemelhadas e de fundamentos do anarquismo da antiguidade, às ideias políticas ou a eventos históricos, como a Revolução Francesa ou a Comuna de Paris, e propõem uma interpretação do legado recente do anarquismo, notadamente das obras de Bakunin e de Proudhon. Isso implica a construção de um

posicionamento a respeito de questões sobre o anarquismo individualista, que é rechaçado, ou, por exemplo, sobre a coletivização e a expropriação da propriedade privada, debates candentes aos socialistas da época. Talvez, diferentemente de outras correntes políticas, o anarquismo adotou uma estratégia de legitimação, que atribui o protagonismo ao povo organizado e, não, a intelectuais ou figuras políticas. Essa reafirmação do desinteresse do personalismo talvez tenha ofuscado Kropotkin como um dos principais organizadores do anarquismo na virada do século XIX, mesmo que, ao fim e ao cabo, ele tenha um lugar de proa no panteão dos anarquistas. Novamente, de acordo com Bourdieu (2003), observamos os desinteresses do autor em relevo pela ciência e pela política, que se manifestam como ilusões, ou seja, ofuscam a busca pelo reconhecimento social dos pares do campo ou dos agentes externos.

Além disso, como geógrafo, destacamos que Kropotkin conservou a tradição de von Humboldt e de Ritter com a manutenção de uma gama de interesses científicos amplos, entretanto, do ponto de vista do método, é importante destacar que ele, assim como os membros da rede de geógrafos anarquistas (CLAVAL, 1998; FERRETTI, 2007), renova a Geografia, seguindo um caminho próximo ao de seus contemporâneos. Assim como Ratzel, Mackinder ou, em parte, V. de la Blache, Kropotkin aposta em uma arquitetura de método que mistura positivismo, valorização da explicação histórica e, sobretudo, teoria da evolução, misturada com ideias do naturalista J.-B. Lamarck. Assim, ao mesmo tempo, a evolução é acompanhada de uma adaptação do meio — lembrando de que a genética moderna não havia se desenvolvido plenamente (MORRIS, 2018). Mesmo com esta base comum, a posição de Kropotkin no campo geográfico se distingue, por sua postura anarquista e, notadamente, pelo desenvolvimento da *teoria do apoio mútuo*, que defende a cooperação como elemento mais importante na evolução das vidas natural e social, reafirmando a natureza essencialmente gregária da espécie humana, de um ponto de vista materialista, o que lhe permite criticar as filosofias iluministas, como, por exemplo, o contratualismo, de J.-J. Rousseau e de T. Hobbes. Mackinder, por sua vez, usa do darwinismo para defender o racismo, o imperialismo inglês e a competição entre os povos como motores da história (KEARNS, 2009). Mesmo com perspectivas distintas, Ferretti (2019) demonstrou evidências de cooperações científica e editorial entre Mackinder, Kropotkin e Reclus.

Como dito, a inspiração de Kropotkin para o desenvolvimento de sua teoria está ligada ao contexto russo, em que Darwin foi aceito, mas a teoria de Malthus, que a acompanhava, não. Kropotkin já havia observado a importância da cooperação, durante suas explorações na Sibéria, e, em 1879, K. F. Kessler palestra sobre o tema na Sociedade

de Naturalistas de São Petersburgo (DUGATKIN, 2011, p. 46), contribuição que é fundamental para a *teoria do apoio mútuo*, de Kropotkin, e denota sua ligação com a Rússia, mesmo no exílio.

De acordo com Miller (1976, p. 158), Kropotkin aspirou retornar à Rússia em vários momentos, porém foi reiteradamente dissuadido. Observa-se que, gradativamente, Kropotkin se foca mais no socialismo europeu, demonstrando um maior interesse pelo debate anarquista, uma aposta no internacionalismo e um abandono gradual da perspectiva agrarista do populismo russo, pois, ao final do século XIX, o futuro, a seu ver, estava na Europa (MILLER, 1976, p. 152). Certamente, tal postura se desprende das disputas com os grupos populistas russos, mas podemos aventar outros empecilhos, igualmente: a parca influência do anarquismo na Rússia, nesse momento; a impossibilidade de Kropotkin fazer propagar seus discursos no país, pois estes sofriam perseguições e estrita vigilância; e a rede de apoio social no exterior e a afinidade de ideias políticas e científicas com colegas estrangeiros, como É. Reclus.

Entre 1880 e 1894, Kropotkin não acompanha aprofundadamente a situação russa, situação que se inverte após a coroação do Czar Nicolau II (MILLER 1976). De qualquer forma, como demonstrou Cahm (1989, p. 63), Kropotkin era uma figura-chave do anarquismo no ano de 1889, em função do sucesso de *Le Revolté* e devido ao papel que ele exerce no julgamento de Lyon. Apesar de ter boas relações e contatos na Inglaterra, Kropotkin resolve voltar para a França, mesmo sabendo da possibilidade de sua prisão. Nesse episódio, ele e um grupo de anarquistas são presos e acusados de fazerem parte da Primeira Internacional, organismo que, naquele momento, havia se dissolvido. O julgamento tinha conotação política, com o objetivo de reprimir os movimentos de trabalhadores. Interessantemente, muitas figuras políticas e intelectuais se mobilizaram pela soltura do autor na França e no estrangeiro, e É. Reclus o apoiou publicamente, além de possibilitar que ele continuasse seu trabalho intelectual, oferecendo materiais e demandando colaborações para a feitura da *Nova Geografia Universal* (FERRETTI, 2019). Ademais, na sua autobiografia, Kropotkin ressalta que, provavelmente depois da sua condenação, ele foi alocado em melhores acomodações prisionais, em função da petição de um grande intelectual francês, que demandou sua libertação, junto ao governo daquele país. Mais do que isto, Kropotkin (2012, p. 412) ressalta o apoio que teve dos intelectuais: além de colaboradores, que trabalharam com ele na elaboração da *Enciclopédia Britânica* e que não são nominalmente listados, V. Hugo, H. Spencer, A. Swinburne saíram em sua defesa. Também na França, segundo seu relato, a Academia de Ciências e Ernest Renan colocaram suas bibliotecas à disposição.

Após alguns anos, Kropotkin é liberado e migra para a Inglaterra, onde permanece de 1886 a 1917. Segundo Ferretti (2019), esse período será o mais profícuo, em termos de produção teórica. Sendo assim, exploramos, a seguir, seu capital social, através de comentários de suas cartas, para, então, debruçarmo-nos sobre a sua estratégia editorial, que, a um só tempo, assume duas lutas epistemológicas (BOURDIEU, 2001): de um lado, as publicações do autor nos jornais aos trabalhadores reafirmam seu anarco-comunismo em um momento que muitos marxistas e socialistas tinham um discurso político fundamentado em pressupostos científicos — pensemos no socialismo científico de Engels, por exemplo, ou na força do darwinismo social entre os social-democratas e socialistas de vários países da Europa —; de outro lado, o autor busca reunir, remodelar e republicar os artigos dos jornais em forma de livros, oferecendo um produto cultural acabado para o campo científico, o que permitia seu engajamento na luta institucional de diversos campos acadêmicos — aquilo que Bourdieu (2003) chama de disputa pela representação da verdade científica.

Como demonstram Miller (1976) e Varengo (2018), a Inglaterra da virada do século XX estava em uma atmosfera de efervescência intelectual, em que os movimentos de trabalhadores e de contestação social tinham força, sendo que a intelectualidade progressista, em grande número, participava de debates públicos, sob o consenso de que uma revolução ocorreria em breve. É neste contexto de ampla permeabilidade entre os capitais político e científico que a falta de um pertencimento institucional, como uma vaga na universidade, será contrabalanceada pelo capital social de Kropotkin.

Seu lugar na Geografia era assegurado pelo apoio da e pela participação na *Royal Geographical Society* (RGS), de Londres, e seu lugar na ciência de forma geral emana das suas credenciais como geógrafo, do convite para participar da *Enciclopédia Britânica*, das publicações na prestigiada *Nineteenth Century* e dos editores que aceitam publicar seus livros, que são, via de regra, bem recebidos pelas críticas inglesa e estadunidense. Temos, pois, aquilo que Bourdieu designou conversões de capital, ou seja, os capitais social e o político são convertidos em capitais cultural e simbólico, e vice-versa. Na França e na Suíça, Kropotkin foi encarado basicamente como um militante anarquista, e seu pensamento ecoa sobretudo nos meios políticos. Certamente, sua fama é grande o suficiente para repercutir nos jornais, por meio de episódios, como o do julgamento de Lyon, ou por seu perfil exótico, de um nobre rico que deixa a sua vida para trás e se dedica a uma causa. Porém, na Inglaterra:

[...] a chave para entender a reação favorável a Kropotkin reside em sua história pessoal, combinada com seu caráter notável e com suas realizações acadêmicas. Kropotkin tinha linhagem real, uma aura

romântica, carisma, status social e fama acadêmica. (SHPAYER-MAKOV, 1987, p. 379)

Mesmo que Kropotkin o negue, ironicamente, seu título de príncipe é usado fartamente pelos ingleses, tanto na vida social quanto nos textos acadêmicos¹. Oscar Wilde chegou a descrevê-lo como um “Cristo Branco”. Pelas suas ideias, pela sua educação e, de certa forma, pelo seu título nobiliário, sua militância causa forte impressão nos intelectuais e nos ativistas ingleses. Ao mesmo tempo, sua posição de destaque na vida intelectual desse país não está dissociada do campo político do anarquismo internacional, notadamente de sua agenda anarco-comunista, que nem sempre era compartilhada pelos anarquistas ingleses.

Do ponto de vista do seu capital social, mesmo após anos de exílio, a ligação com a Rússia fica clara, ao analisarmos suas cartas. A partir destes textos, cujos conteúdos estão disponíveis na *internet*², organizamos os gráficos apresentados nas figuras 1 e 2.

O conjunto disponível reúne cerca de 800 cartas, enviadas a 134 destinatários. Apesar de o *site* reunir extenso material, tal está longe de abarcar a totalidade das cartas enviadas e se refere notadamente às fontes russas. Contudo, o resultado apresentado está de acordo com a afirmação de Miller (1976), de que Kropotkin teria cultivado seus contatos russos, ao longo na vida, na aspiração de retornar à pátria, ou, ainda, com a recente pesquisa de Ferretti (2019), que explora a rede de colaboração inglesa do autor em foco, afirmando que os britânicos seriam os segundos, em termos de quantidade de epístolas trocadas. No entanto, faltam, na relação, as cartas para C. Wilson, editora do jornal *Freedom* (FERRETTI, 2019).

¹ Veja-se, por exemplo, o texto *Obituary: Prince Kropotkin*, assinado por J.S.K. (provavelmente, J. S. Keltie), disponível em *The Geographical Journal*, v. 57, n. 4, 1921, p. 316-319.

² Cartas disponibilizadas no *site* <http://oldcancer.narod.ru/Nonfiction/PAK-Letters-chron.htm>, acessado em 22 de novembro de 2021. No *site*, em russo, está disponível uma curta descrição de seus remetentes e a fonte dos documentos, que se refere, principalmente, aos *Государственный архив Российской Федерации* (Arquivos Estaduais da Federação Russa, em tradução livre).

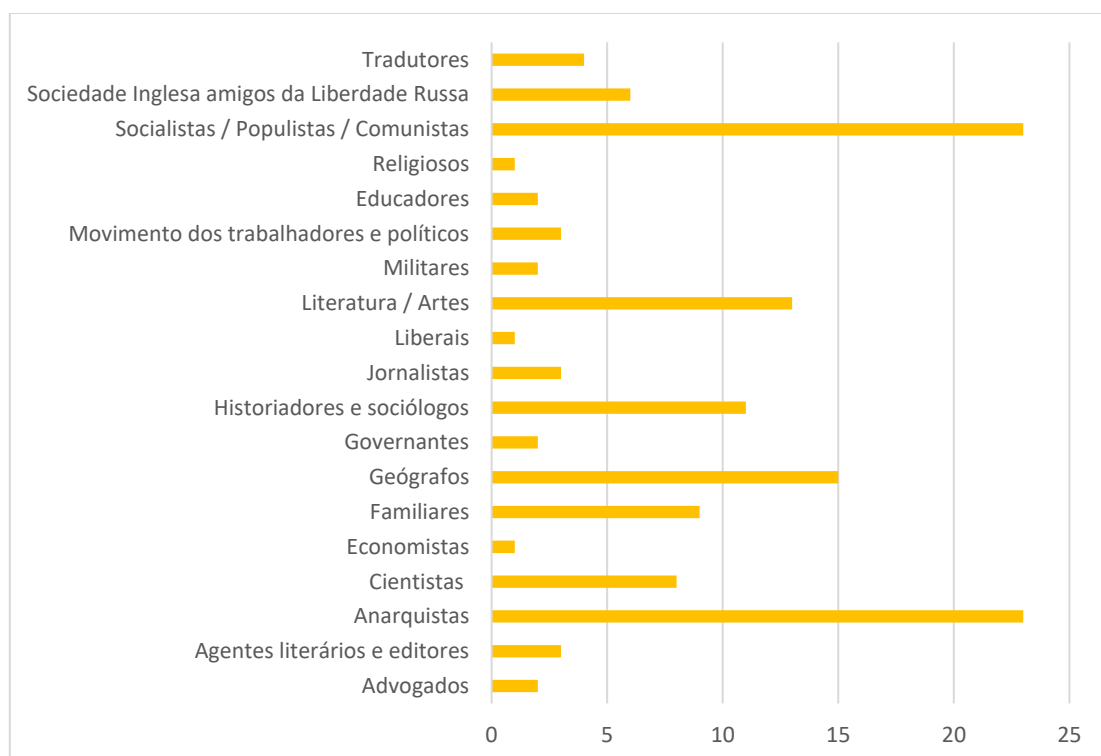


Figura 1 – Natureza dos destinatários das cartas de P. Kropotkin

Fonte: *site* Oldcancer.ru

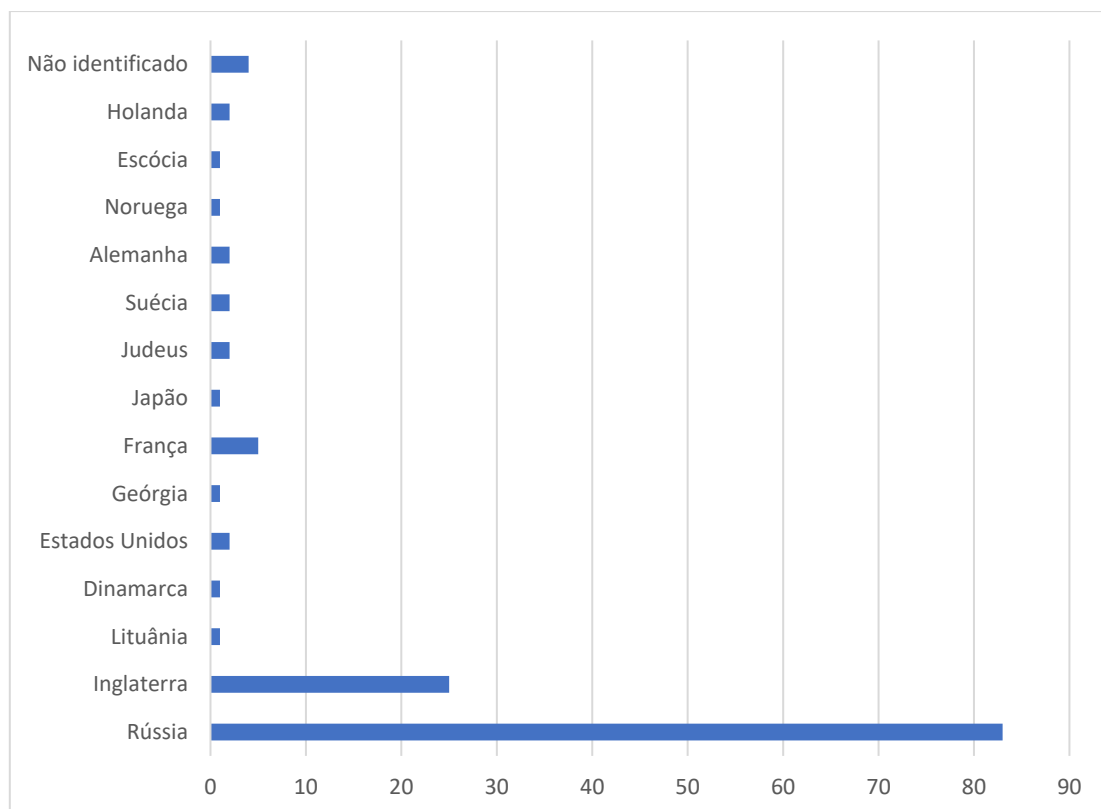


Figura 2 – Nacionalidades dos destinatários

Fonte: *site* Oldcancer.ru

Nosso trabalho foi o de classificar as cartas por ocupação e por nacionalidade dos remetentes, no entanto tais classificações nunca são satisfatórias. Por exemplo, optamos por enquadrar É. Reclus como geógrafo, mesmo sabendo de sua importância para o anarquismo. Outra desvantagem é a de que a base de dados oferece uma breve descrição dos destinatários, contudo cada personagem tem uma trajetória, o que implica, por exemplo, mudanças de posições políticas. Outro problema é o de que a Rússia pré-revolucionária era um império multinacional, portanto, por trás dos destinatários russos pode existir uma série de nuances. Outrossim, as cartas podem ofuscar relações importantes, que demarcam o capital social do autor, como a amizade travada com I. Turguêniev, que Kropotkin conheceu na França, por intermédio de P. Lavrov, ou com o escritor S. Stepnyak (uma carta enviada à esposa deste está disponível no *site*) (KROPOTKIN, 2012).

Na coletânea, o principal remetente é seu irmão Alexander, que acumula, entre 1857 e 1872, 111 cartas, seguidas da anarquista, bióloga e amiga M. Goldsmith, com 66 cartas, e do líder populista P. Lavrov, com 56 missivas. Os dados demonstram a extensão do capital social de Kropotkin, que, além de possuir grande número de correspondentes anarquistas, também trocava mensagens com integrantes de correntes políticas rivais, como socialistas, comunistas, populistas russos e, mesmo, liberais. Tais dados reforçam as afirmações de Varengo (2018), de que, na fase inglesa de seu exílio, Kropotkin teria circulado, palestrado e debatido com membros das três maiores correntes políticas da época, a saber: os social-democratas, de orientação marxista, os socialistas e os anarquistas ingleses. Seria razoável admitirmos que algo similar ocorreria com os correspondentes russos, pois encontramos, por exemplo, missivas enviadas a V. Lenin, depois da revolução de 1917, sendo que Kropotkin conhecia com um de seus ajudantes de ordem (MILLER, 1979). Destaca-se uma carta enviada a K. Liebknecht, discutindo a tradução e a publicação de um dos seus textos em alemão, mesmo face às mordazes críticas de Kropotkin à social-democracia germânica. Constam cartas enviadas a seus tradutores e editores, algumas das quais foram analisadas por Ferretti (2019). Temos, ainda, a colaboração de Kropotkin com a sociedade inglesa Amigos da Liberdade Russa, mesmo que não tenhamos encontrado contribuições no jornal publicado por este órgão — mas devemos lembrar de que o livro *Terror in Russia*, publicado em 1909, pelo parlamento inglês, foi um ataque ao czarismo, e esta talvez seja uma das únicas contribuições de Kropotkin respaldada pelo Estado britânico.

É bem conhecido o fato de que Kropotkin se correspondia e mantinha relações de trabalho e de amizade com geógrafos ingleses, ligados à *Royal Geographical Society*, como

A. R. Hinks, H. W. Bates, D. W. Freshfield, H. R. Mill e J. S. Keltie, bem como com outros geógrafos anarquistas, como É. Reclus e L. I. Mechnikoff, porém é possível notar que ele também se corresponde com geógrafos russos, ao longo da vida, notadamente antes e depois do exílio. Destacam-se, ainda, correspondentes célebres, como M. Curie, e escritores, como M. Gorki, M. Woods e U. B. Sinclair Jr.

Quanto às nacionalidades, identifica-se uma quantidade relativamente pequena de correspondentes franceses, a maioria nos campos da política e das artes. A lista de destinatários revela, ainda, que Kropotkin escrevia para grupos de anarquistas russos em Liège e em Paris, além dos do círculo Herzen. É um fato igualmente conhecido que, ao deixar a Inglaterra Kropotkin publica um texto de despedida, reproduzido em jornais de várias matizes políticas (SHPAYER-MAKOV, 1987), mais um fato que demonstra o poder de seu capital social.

Nada disto seria possível, sem uma rede de colaboradores, que deu espaço às publicações do anarquista russo. Na chegada à Inglaterra, o geógrafo J. K. Keltie é quem propicia que Kropotkin contribua para a *The Nature* e para o *Times*, ou seja, é pelo prestígio do russo no campo da Geografia que vão se abrindo as portas para as contribuições científicas do autor, as quais se alargam cada vez mais (DUGATKIN, 2011, p. 20-25).

Outra figura importante é J. Knowles, editor da revista *Nineteenth Century*, com a qual Kropotkin contribui regularmente e da qual recebe proventos, ocupando a seção *Recent Science*, que buscava sintetizar as descobertas científicas da contemporaneidade. Longe de especializações, a revista discutia os mais diversos assuntos, indo das posições políticas às ciências humanas e naturais. É nesta revista que Kropotkin publica, em 1885, *O que a What geography ought to be?*, como resposta à proposta de ensino de Geografia de H. Mackinder, ligada aos interesses imperiais ingleses. Igualmente, o livro *Mutual Aid*³, de 1902, reúne artigos publicados entre 1890 e 1896 na *Nineteenth...*, os quais servem de contestação a um texto de T. Huxley, publicado na mesma revista. Aliás, essa publicação era central na vida intelectual inglesa, pois figuras, como J. Ruskin, H. Spencer, W. Morris, B. Stoker, O. Wilde e S. Webb, para citar alguns nomes, escrevem para o boletim de Knowles, e este fórum altamente prestigiado era utilizado como arena de luta epistemológica por Kropotkin, mesmo que a revista em questão fosse destinada a um público erudito.

³ Nova York: McClure Phillips & Co.

Seguindo as mesmas táticas de espalhamento e de reunião, a partir dos textos publicados na *Nineteenth...*, temos a origem de outros livros: (1) entre 1883 e 1886, os artigos resultam no *In Russians and French Prisons*⁴ (de 1887); (2) entre 1888 e 1890, textos originam *Fields, Factories and workshops*⁵ (de 1899); (3) possivelmente, outras contribuições devam ter constituído obras de Kropotkin, como no caso do artigo *The morality of nature*, de 1905, que se relaciona com a obra inacabada *L'Éthique*⁶ (de 1928). I. McKay demonstrou como o livro *Ciência moderna e anarquia*, de 1903, foi composto por diversos artigos, que foram ampliados e haviam sido anteriormente publicados na *Les Temps Nouveaux*, em francês, na *Freedom* e pelo *Social Science Club*, da Philadelphia, em inglês. McKay demonstra, ainda, que o obituário dedicado a H. Spencer, que compõe o anexo de *Ciência moderna*, foi publicado em 1904, na *Freedom* e na *Le Temps Nouveaux*. O mesmo vale para *O Estado e seu papel histórico*, que compõe o livro homônimo e foi publicado no jornal francês entre 1896-1897 e no inglês, entre 1897-1898. Além disso, alguns dos artigos de jornal surgiram primeiramente como palestras, como no caso d'*O Estado...*, oriundo de conferências demandadas por J. Grave, ou o livro sobre a literatura russa, composto por palestras para o público estadunidense (KROPOTKIN, 2018; KROPOTKIN, 1993).

O levantamento de McKay está longe de ser exaustivo, igualmente, pois é possível identificar vários artigos, que foram publicados na *Freedom* e na *Le Temps Nouveaux*, em períodos relativamente próximos. Ferretti (2019) destacou os artigos sobre o cesarismo publicados em 1899, e poderíamos acrescentar o obituário de E. Bellamy, publicado em 1898, além de *Chega de ilusões!*, de 1907. Sem dúvida, um cotejamento mais aprofundado revelaria outras duplicações. Segundo Ferretti (2019), a equipe do jornal *Freedom* auxiliava nas traduções e nas adequações, uma vez que a publicação de *A conquista do pão* foi fracionada em várias edições da *Freedom* entre 1892 e 1894 (VARENGO, 2011). É possível identificar, ainda, a inserção de republicações de Kropotkin no jornal *Mother Earth*, editado por E. Goldman, nos Estados Unidos, como *A comuna de Paris*. Houve quatro republicações em 1912 e uma, em 1916, além de uma edição de *Modern Science and anarchism*, em 1908⁷.

⁴ Londres: Ward and Downey.

⁵ Londres: Hutchinson & Co.

⁶ Paris: Stock.

⁷ Disponível em: http://oldcancer.narod.ru/bibliogr/PAK_biblio-1980-1.htm, com acesso em junho de 2022.

Outra marca desta circulação é o fato de Kropotkin ter publicado no jornal *Commonwealth*, da Liga Socialista de W. Morris. Os textos traduzidos do *La révolte* saem com o título *Revolutionary Studies* e *Revolutionary Government* (ambos, como suplementos literários, em 1892) e, na última página das brochuras, temos a propaganda do jornal *Freedom*.

O mesmo ocorre, ao rastrear a composição da autobiografia de Kropotkin. Essa obra compõe uma propaganda da causa e pode ser enquadrada na tradição literária russa de Herzen, de Stepniak e de Tolstói, cujos romances têm forte teor autobiográfico. Os textos da biografia foram publicados entre 1898 e 1899 na *Atlantic Monthly*, uma revista estadunidense, e na forma de livro, em 1899, pela Houghton Mifflin Company. Miller (1976), entretanto, destaca que Kropotkin escreveu uma versão em russo de suas memórias, com alguns enfoques diferentes. Paralelamente, é possível encontrar, entre 1899 e 1900, excertos de sua biografia em francês (*Autour d'une vie*), publicados na revista *L'Humanité nouvelle*, organizada por A. Hamon.

A partir de 1893, Kropotkin publica 24 artigos na revista *Geographical Journal*, vinculada à RGS, que, apesar de aparentemente não terem se transformado em livros, reproduzem o capital cultural de Kropotkin como geógrafo, pois a maioria dos artigos trata sobre a orografia da Sibéria e, em menor proporção, sobre a Rússia. Kropotkin contribui, entre 1892 e 1893, com a republicação da série de três artigos intitulados *Recent Science* na estadunidense *Popular Science Monthly* (ns. 41 e 43). Na mesma revista, em 1904, ele republica um dos artigos da *Geographical...*, intitulado *A geologia e a geobotânica da Ásia* (n. 65). Nos EUA, essa revista, editada inicialmente por E. L. Youmans, objetivava popularizar o conhecimento científico. Isso significa que sua inserção como cientista-anarquista também se faz nos EUA e no Canadá, países que visita em 1897 (DUGATKIN, 2011, p. 73).

Kropotkin viaja à América em 1897 e em 1901 e, apesar de ter recebido convites de organizações políticas, é em função do encontro anual da *British Association for the advancement of Science* (BAAS) que ele parte para Toronto, onde encontra com o economista J. Marvor. De acordo com Dugatkin (2011, p. 73-80), no encontro da BAAS, Kropotkin apresenta trabalhos sobre a geologia da Rússia e, logo após, parte para trabalhos de campo no sudoeste do Canadá, que geram um artigo (KROPOTKIN, 1898). As duas viagens à América reforçam a hipótese do presente trabalho: ao mesmo tempo, Kropotkin palestra em meios anarquistas e universitários. Nos EUA, ele visita diversas cidades e encontra várias lideranças anarquistas, como J. Most, J. Labadie, J. Edelman, ao mesmo tempo em que fala sobre o anarquismo para grandes audiências e dá

declarações sobre o assunto à imprensa. Paralelamente, palestra na *American Association for the Advancement of Science* e na *National Geographic Society* sobre a Sibéria e realiza conferências no *Lowell Institute* sobre apoio mútuo, para uma plateia que inclui grandes cientistas, como C. Lyell, A. Gray, O. W. Holmes e A. R. Wallace (DUGATKIN, 2011, p. 78). O *Lowell Institute*, órgão de peso no cenário intelectual estadunidense, convida Kropotkin para palestras sobre literatura russa, que originariam um livro. Dugatkin acrescenta:

Quando Kropotkin estava na região de Boston, seu hospedeiro foi Charles Eliot Norton, um professor de história da arte em Harvard e o primeiro presidente do Instituto Americano de Arqueologia. Norton organizou para Piotr dar algumas palestras paralelamente às conferências do Lowell Institute. Isso incluiu uma palestra sobre ‘O movimento socialista na Europa’ em Harvard e uma fala para o Clube Industrial das Mulheres de Cambridge e um par de falas na igreja local sobre ‘Cristianismo’ e Moralidade. (DUGATKIN, 2011, p. 78)

Na segunda viagem, Dugatkin (2011, p. 78-82) relata palestras nas universidades de Chicago, de Illinois e de Wisconsin, ao mesmo tempo que Kropotkin visita expoentes do anarquismo. O assassinato do presidente W. McKinley, por um anarquista, muda o clima político nos EUA, o que coloca Kropotkin sob suspeita: ele seria um sábio cientista ou um terrível conspirador? Essa perspectiva dúbia a seu respeito é bastante reproduzida pela imprensa, inclusive a brasileira⁸.

Diante de exposto, podemos sintetizar a estratégia editorial de Kropotkin. Algumas palestras são transformadas em artigos ou, ainda, ele publica artigos em jornais. Notemos que as palestras e os artigos publicados eram comuns, tanto nos encontros e nas revistas anarquistas (principalmente, mas não só, *Freedom* e *Temps Nouveaux*) quanto nos meios acadêmicos (*Geographical Journal* e *Nineteenth Century*), sendo que estes materiais eram traduzidos e republicados em outras revistas e, na sequência, organizados na forma de livros. Se os artigos de jornal tinham públicos mais ou menos restritos, os livros tinham a vantagem de apresentar um produto cultural bem acabado, que poderia circular pelos campos científico e/ou político. Por sua vez, os livros têm traduções para além do francês e do inglês — lembremos de que um livro, já publicado como *A conquista do pão*, foi fragmentado e republicado na *Freedom*. Afim de proporcionar uma síntese da publicação dos artigos, organizamos a figura 3.

⁸ Sobre o assunto, vide a fala de Eduardo Augusto Souza Cunha no *Colóquio Internacional Piotr Kropotkin – ativismo e pesquisa*, mesa de 3 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HXfg5o3CwiM&t=1806s>, com acesso em abril de 2022.

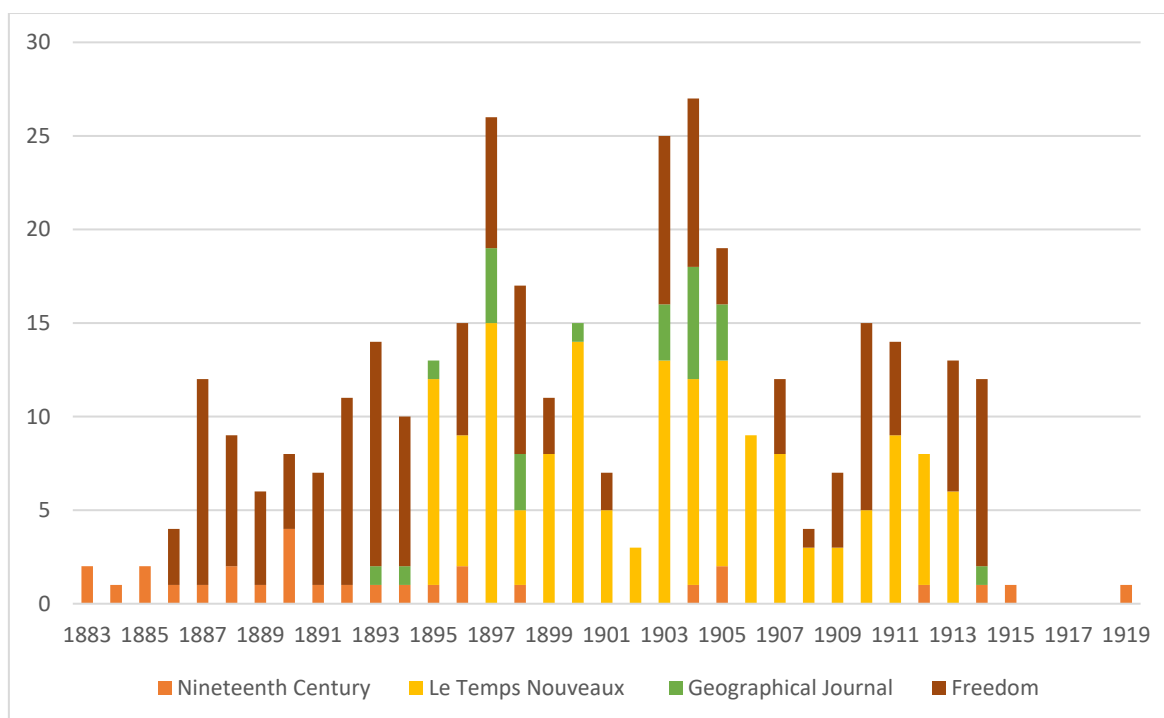


Figura 3 – Contribuições de Kropotkin em jornais anarquistas e em revistas científicas
 Fonte: SKODA (2013), Varengo (2011), Gallica.fr e Archives.org, com acessos em novembro de 2021

Os artigos dos jornais anarquistas têm um volume maior, por serem mais curtos. No ano de 1890, notamos um aumento nas contribuições ao *Nineteenth...* e uma contração, no *Freedom*. É possível identificar picos de produtividade em todas as revistas nos anos de 1897, de 1903 e de 1904, um período de poucas contribuições para a *Nineteenth...* a partir de 1905 — segundo Ferretti (2019, p. 51), por desentendimentos com J. Knowles devido as revoltas populares ocorridas na Rússia naquele ano — e uma ruptura abrupta na produção, a partir de 1914 — certamente, em função da posição de Kropotkin em defesa da Guerra. Nessa ocasião, por exemplo, o anarquista perde espaço editorial, mas continua a publicar textos na *Nineteenth Century*, que passa a ser editada pelo filho de Knowles. Acreditamos que estas ilações deixam comprovadas o contexto da época, de trânsito intenso entre os campos da ciência e da política, e, mais do que isto, a capacidade do autor de fazer crescer seus capitais político e cultural de forma concomitante, por meio de uma intercambialidade. A reprodução de seus capitais político e cultural se faz pelas palestras, pelos artigos e pelos livros, além do próprio capital social, ou seja: Kropotkin era figura conhecida em meios geográficos, científicos, políticos, culturais e literários, tanto no ocidente, quanto junto aos russos.

No intuito de averiguar os objetos de estudo de Kropotkin, propomos uma classificação dos artigos publicados na *Le Temps Nouveaux* por temas, conforme apresentamos na figura 4.



Figura 4 - Temas dos artigos publicados por Kropotkin no *Le Temps Nouveaux*

Fonte: *site Gallica.fr*, com acesso em outubro de 2021

O item com mais ocorrências é o da *teoria do socialismo e anarquismo*, tema de difícil separação nas análises conjunturais e nos grandes debates, no âmbito da esquerda. Encontramos, também, textos sobre Revolução Francesa, que serão a base do livro *A grande revolução francesa*, de 1909, enquanto artigos sobre a Rússia se intensificam, depois da Revolução de 1905. Não encontramos artigos sobre Bakunin ou Proudhon, mas Kropotkin escreve sobre S. Stepniak, amigo e escritor que retratou a cena revolucionária russa; sobre E. Bellamy, escritor estadunidense que escreveu um célebre romance utópico; sobre A. Comte, fundador do positivismo; sobre H. Spencer, a quem Kropotkin dedica cinco artigos e um obituário; sobre É. Reclus; e sobre H. Bergson, retratado como filósofo anticientífico.

Temos, ainda, textos sobre o Estado, como na sequência *O Estado e seu papel histórico*, além de artigos sobre a Guerra. Adicionalmente, a *Les Temps...* publica suplementos literários, vendidos a preços módicos, e uma pesquisa simples revela os seguintes títulos de Kropotkin: *A moral anarquista* (*Publication des Temps Nouveaux*, n. 9), de 1889, *Comunismo e anarquismo* (n. 27), de 1903, *Aos jovens* (n. 31), de 1904 — o original é de 1881, *A Guerra* (n. 59), de 1912, e *O princípio anarquista* (n. 67), de 1913, para citar alguns.

Aclarado o mecanismo da estratégia editorial de P. Kropotkin, cabe comentar a recepção intelectual de sua obra. Sobre o livro *Fields, factories and workshops*, a imprensa britânica emite opinião positiva, pois, como ressaltou Oved (1993, p. xvi), jornais de distintos matizes políticos o elogiam. A publicação também reverbera em jornais dos

EUA e, como demonstrou Oved (1993, p. xvi), temos reedições do volume por diferentes empresas nos anos de 1901, de 1904, de 1907, de 1909, de 1913 e de 1919 nos EUA e na Inglaterra. Como demonstrou Ferretti (2019), no que diz respeito aos livros, sua estratégia era a de promover edições acessíveis, sem uma preocupação maior com direitos autores ou exclusividade editorial.

Além disso, na Bélgica, pela Universidade Livre de Bruxelas, instituição em que Reclus atuou como docente no fim da vida, é publicado o livro *Orografia da Sibéria*, em 1904, a partir de tradução do russo da obra da juventude do autor. Igualmente, sua produção repercute na Geografia da França, pois, ao observamos o prestigiado *Annales de Géographie*, notamos que Kropotkin consta do índice geral dos autores analisados e citados nos anos de 1898, de 1899, de 1901, de 1902, de 1904, de 1906, de 1909, de 1912 e de 1914⁹. A maioria das referências remete a trabalhos sobre a geomorfologia da Rússia asiática, porém, em 1904, L. Raveneau comenta o lançamento da edição da *Enciclopédia Britânica*, que conta com verbetes de Kropotkin¹⁰ (n. 71, p. 69). No mesmo periódico, Kropotkin é arrolado na *Bibliografia Geográfica Anual* para os períodos de 1903-1904 e de 1904-1905, sendo mencionada, nesta, a edição francesa de *Autour d'une vie*, de 1902 e a alemã, de 1903, ambas sem comentários, o que não é usual.

O primeiro livro francês de que temos notícia é *Paroles d'un Revolté*, de 1885, editado pela Flammarion. Kropotkin também teve sua obra editada pela tradicional editora Stock (fundada em 1708), que, por intermédio de Louise-Michel – comunarda e membro da rede de É. Reclus – organiza uma biblioteca anarquista, que conta com *La conquête du pain*¹¹ (de 1892). Posteriormente, a Stock publica: *L'anarchie, sa philosophie, son idéal* (1896 — republicada em 1907, pela Hachette); *Autor d'une vie* (1902); *La grande Révolution* (1909); *Champs, usines, ateliers* (1910); *La science moderne et l'anarchie* (1913); *La terreur en Russie* (1910); *L'Éthique* (1927); e a editora Hachette, responsável pela publicação das obras de Reclus, lança *L'entr'aide*, em 1906, traduzida do inglês por Louise Guieysse-Bréal, educadora e militante pacifista¹².

Considerações finais

⁹ Disponível em <http://persee.fr>, com acesso em novembro de 2021.

¹⁰ Para um levantamento dos verbetes de Kropotkin na Enciclopédia, consulte o *Wikisource*: https://en.wikisource.org/wiki/Author:Peter_Alexeivitch_Kropotkin, com acesso em março de 2021.

¹¹ Disponível em https://www.editions-stock.fr/sites/default/files/historique_complet_a_telecharger.pdf, com acesso em março de 2022.

¹² Disponível em <https://maitron.fr/spip.php?article94077>, com acesso em março de 2022.

Esperamos ter demonstrado que é possível compreender a força e o legado de Kropotkin somente através da integralidade de seus pensamentos político e científico, e que qualquer análise que separe estes dois elementos é equivocada, da mesma forma que é impossível ignorar a marca da origem social na trajetória do autor, nos campos político e científico; trata-se do seu capital social, ou seja, da rede de amigos, de militantes, de colaboradores, de cientistas, etc., que dá suporte à produção, à tradução, à edição e à publicação de seu trabalho intelectual. Esse capital representa, ainda, o contato com figuras políticas, científicas e literárias de relevo, que lhe foram contemporâneas, ao passo que Kropotkin foi uma importante liderança anarquista.

Finalmente, não teríamos fôlego e espaço para explorar demasiadamente seu impacto na Rússia, além de mencionar que Kropotkin tentou financiar e levar adiante o jornal anarquista *Pão e vontade*, sem sucesso. Em 1917, Kropotkin retorna à Rússia, celebrado pelo povo e pelas autoridades políticas, mas recusa o convite para trabalhar na Universidade de Moscou, em função de sua saúde e de sua velhice, mesmo que seu labor científico continue. Nesse momento, ele se dedica à obra *Ética*, publicada postumamente, e mantém seu interesse pela “orografia”, pois um dos seus últimos projetos foi o do livro inacabado *Glacial and Lacustine Periods*, de 1919, mas só publicado em 1998 (MARKIN; IVANOVA, 2008, p. 118). Segundo Dugatkin (2011, p. 90), além de receber em Dmitrov, amigos anarquistas, como E. Goldman e Alexander Beckman, e jornalistas do *New York Times*, ele é visitado por E. Sisson, representante do presidente W. Wilson, que desejava saber sua opinião sobre os rumos da Revolução Russa.

Diante de sua trajetória intelectual de polímata, Kropotkin nunca deixou de se interessar pela Geografia e de se identificar com ela. Ademais, além de ser marcado pelas especificidades de sua classe social, devemos levar em consideração o peso do contexto e do pensamento russos em sua trajetória. Mesmo que, em determinado momento, Kropotkin tenham voltado suas atenções à Europa Ocidental, as relações com sua terra natal eram profundas. Kropotkin criou uma agenda para o anarquismo e traduziu importantes debates intelectuais russos de sua geração para o ocidente, os quais incluíram o papel da arte na sociedade, o debate do socialismo, sob o viés do populismo russo, a recusa ao pensamento de Malthus e a leitura do darwinismo, notadamente os elementos mais evidentes deste trânsito, em um período que a cultura russa, ainda que sob forte repressão política, projeta-se para o mundo.

Por fim, como Berthier (2022) defendeu, recentemente, Kropotkin teria se equivocado, ao defender publicamente a Guerra, utilizando, para isto, um manifesto, e seu posicionamento foi um duro golpe para o movimento anarquista, que certamente

abalou seu capital político, mesmo que Kropotkin continuasse a ser uma figura política respeitada e que seu capital cultural no campo científico sofresse pouco, diante desta polêmica. Claramente, retomando Bourdieu, sua postura de comprometimento total com seus ideais pode ser entendida na perspectiva de sua origem social, pois, até o fim da vida, Kropotkin foi um rebelde heresiarca.

P. KROPOTKIN STRATEGIES IN EPISTEMOLOGICAL STRUGGLE

Abstract: This article aims to understand the cultural context, the trajectory and the strategies that result in the establishment of P. Kropotkin as a renowned scientist and anarchist militant. To this end, his letters and his editorial strategy are analyzed. Adopting the perspective of P. Bourdieu, we seek to prove that his social origins, his militancy and his intellectual work constitute a synergy, which, together with his collaborative networks, allowed Kropotkin to achieve renown, inside and outside the field of Geography, on an international scale.

Keywords: Libertarian geography; Anarchism; P. Kropotkin; Knowledge circulation.

ESTRATEGIAS DE LA LUCHA EPISTEMOLÓGICA DE P. KROPOTKIN

Resumen: El objetivo de este artículo es comprender el contexto cultural, la trayectoria y las estrategias que dieron lugar al establecimiento de P. Kropotkin como científico y militante anarquista de renombre. Para ello, se analizan sus cartas y su estrategia editorial. Adoptando la perspectiva de P. Bourdieu, se busca demostrar que sus orígenes sociales, su militancia y su trabajo intelectual constituyen una sinergia que, junto con sus redes de colaboración, permitió a Kropotkin alcanzar renombre, dentro y fuera del campo de la Geografía, a escala internacional.

Palabras clave: Geografía libertaria; Anarquismo; P. Kropotkin; Circulación del conocimiento.

Referências

BARTLETT, R. **Tolstói – a biografia**. São Paulo: Globo, 2013.

BERTHIER, R. Introdução. In: KROPOTKIN, P. *Guerra*. São Paulo: Intermezzo, 2022.
BOURDIEU, P. **A distinção – crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Zouk, 2006.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

BOURDIEU, P. **Science de la science et réflexivité**. Paris: Éditions Raison d'agir, 2001.

CAHM, C. **Kropotkin and the rise of revolutionary anarchism – 1872-1886**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981.

CHACÓN, J. M. **Kropotkin, un príncipe al piano**. Santiago; São Paulo: Editorial Eleuterio; Biblioteca Terra Livre, 2021.

CLAVAL, P. **Histoire de la géographie Française de 1870 à nos jours**. Paris: Éditions Nathan, 1998.

DUGATKIN, L. A. **The prince of revolution**. [S. l.]: CreateSpace, 2011.

FERRETTI, F. **Anarchy and geography – Reclus and Kropotkin in the UK**. Londres; Nova York: Routledge, 2019.

FERRETTI, F. **Il mondo senza mappa**. Milão: Zero in condotta, 2007.

GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

HECHT, D. Lavrov, Chaikovski, and United States. **The American Slavic and East European Review**, v. 5, n. 1-2, p. 138-161, 1946.

KEARNS, G. **Geopolitics and empire – the legacy of H. Mackinder**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

KRAUSZ, T. **Reconstruindo Lênin – uma biografia intelectual**. São Paulo: Boitempo, 2017.

KROPOTKIN, P. **Modern science and anarchy**. [S. l.]: AK Press, 2018.

KROPOTKIN, P. **Autour d'une vie – mémoires d'un révolutionnaire**. Paris: Éditions du Sextan, 2012.

KROPOTKIN, P. **Russian literature – ideals and realities**. Montreal; Nova York: Black Rose Books, 1993.

KROPOTKIN, P. **Fields, factories and workshops of tomorrow**. Londres: Freedom Press, 1985.

KROPOTKIN, P. **Selected writings on anarchism and revolution**. Cambridge: MIT Press, 1970.

KROPOTKIN, P. **L'Éthique**. Paris: Stock, 1928.

KROPOTKIN, P. Some of resources of Canada. **Nineteenth Century**, v. 43, p. 1898.

KROPOTKIN, P. **Orographie de la Sibérie**. Bruxelles: Imprimerie veuve Ferdinand Larcier, 1904.

LAUGHLIN, J. **Kropotkin and the anarchist intellectual tradition**. Londres: Pluto press, 2016.

LEIER, M. **Bakunin, the creative passion – a biography**. Nova York: Seven Stories, 2006.

MARKIN, V. A.; IVANOVA, T. K. P. Kropotkin and his monograph researches on the glacial period (1876). **London Geological Society Special Publications**, v. 301, p. 117-128, 2008.

MILLER, Martin. **Kropotkin**. Chicago: Chicago University Press, 1976.

MORRIS, B. **Kropotkin – the politics of community**. Oakland: PM Press, 2018.

OVED, Y. Introduction to the transaction edition. *In*: KROPOTKIN, P. **Fields, Factories and Workshops**. Nova Jersey: Transaction Publisher, 1993.

PAGE, Dominique Le. De Paris à la Bretagne: Augustin Hamon. **Le mouvement social**, n. 160, p. 99-124, 1992.

PÉAUD, L. **La géographie, émergence d'un champ scientifique**. Paris: ENS Editions, 2016.

SHPAYER-MAKOV, H. The reception of Peter Kropotkin in Britain, 1886-1917. **Albion: a quarterly journal concerned with British Studies**, v. 19, n. 3, p. 373-390, 1987.

SKODA, A. *Kropotkin (1842-1921): histórias fantásticas de um geógrafo anarquista*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

VARENGO, S. El anarquismo británico y el periódico Freedom. **Germinal**, n. 14, p. 3-37, 2018.

VARENGO, S. **Prima dela tempesta - il pensiero anarchico attraverso le pagin di "Freedom"**. 2011. Tese (Doutorado) – Università Degli Studi di Milano, Milão, 2011.

VUCINICH, Alexander. **Darwin in Russian Thought**. Berkeley: University of California Press, 1988.

Sobre o autor

Breno Viotto Pedrosa - Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bacharel, licenciado e doutor em geografia humana pela Universidade de São Paulo.

Recebido para avaliação em julho de 2022

Aceito para publicação em dezembro de 2022